

A PRESENÇA DA GUERRA

Odilon Nogueira de Matos

Em seu livro **Aproximações**, publicado há mais de meio século (Rio de Janeiro, Ariel), o eminente jurista e ensaísta pernambucano Odilon Nestor, dentre as muitas “visões estéticas” de que cuidou (do direito, da música, do ritmo, das linhas...), tratou, logo no primeiro capítulo, da “visão estética da guerra”. À página 17 emite este conceito: “A guerra é selvagem, ela é terrível; mas não deixa de ter também o seu lado estético. Poderei falar duma **visão estética da guerra**, porque o terror mesmo tem o seu encanto e a sua beleza. Sem dúvida é mister que não encaremos a guerra por si mesma, a guerra pela guerra; será necessário que a vejamos temperada pelo ideal; importa que ela seja o meio de um fim mais elevado; com esta condição, porém, ela tem o seu atrativo e a sua grandeza”.

E com invejável primor de estilo e elegância de frase, indaga “como as diferentes artes, com os meios de que dispõem, se apoderaram deste grandioso assunto da guerra e dele tiraram partido”. E enumera exemplos expressivos da presença da guerra na literatura, na pintura, na escultura. E poderia (foi pena não o fizesse) ter acrescentado também na música, onde relacionaria inúmeras composições inspiradas ou sugeridas por acontecimentos militares, como, por exemplo, os dois majestosos “Te Deum”, de Handel, pela batalha de Dettingen e pela paz de Utrecht e ainda a **Música para os Reais Fogos de Artifício**, também de Handel, escrita para celebrar a Paz de Aix-la-Chapelle. Isto, sem falar na infinidade de “musique de bataille”, que vai desde **A Batalha de Marignan**, de Janequin, até a **1812**, de Tchaikovsky. E as canções e as marchas militares que todos os países possuem e delas se orgulham? Bem, isto daria outro ensaio quase tão extenso quanto o do escritor pernambucano.

Não chegarei a dizer que a “visão estética da guerra” apresentada pelo meu ilustre xará haja me fascinado. Mas, despertou-me o natural interesse que, pelo seu valor e estilo, não poderia deixar de exercer em quem tivesse qualquer preocupação com as coisas da cultura. Embora, na ocasião, fosse apenas aluno de último ano de ginásio, tinha já uma boa soma de leituras de narrativas militares, que — confesso — foram muito de meu agrado na adolescência. De fato, após os primeiros livros infantis — uma adaptação do **Robinson Crusoe**, o **Pinóquio** (ou **Pinocchio**, na forma italiana, como então se escrevia), os numerosos volumes editados pela Melhoramentos, bem como os primeiros livros de Monteiro Lobato,

que começavam a aparecer — foram as narrativas militares o tipo de leitura a que me entreguei. A começar pelas páginas do saudoso **Eu Sei Tudo** (quem, de minha geração, não se lembra desta revista ?), onde sempre havia lugar de destaque para as guerras da Europa dos séculos XVII e XVIII ou para a guerra civil dos Estados Unidos; depois, os diversos livros de Gustavo Barroso (**A Guerra do Lopez, A Guerra do Flores, A Guerra do Rosas...**); depois, as **Narrativas Militares** e, principalmente, **A Retirada da Laguna**, de Taunay. Este, impressionou-me deveras e interessou-me particularmente. Achava extraordinário que o livro houvesse sido escrito em francês, para que pudesse ser divulgado na Europa, bem como o interesse que despertou em França, a deduzir-se dos prefácios de Xavier Raymond e Ernest Aimé, antepostos à edição francesa. O deste último, escrito quando a nação francesa mal se curara do desastre da guerra franco-prussiana, é bastante significativo: “Não receamos predizer à **Retirada da Laguna** imenso êxito em França e disto nos alegamos; pois poderá entre nós despertar este generoso patriotismo, cuja ausência constituiu o melhor dos fáceis triunfos da Prússia na guerra de 1870. Se as nossas tropas tivessem conservado este espírito inabalável de disciplina, que admiramos nos heróis brasileiros; se nossas aldeias e cidades, com o intuito de salvarem riquezas, em vez de se entregarem ao primeiro ulano aparecido, houvessem, como este valente Lopes, tudo sabido sacrificar para repelir o invasor, não estaria a nossa história maculada por humilhações, aos nossos pais desconhecidas”.

Mas não era só a literatura. O cinema contribuía, de seu lado, para a motivação em torno de temas militares. A guerra civil norte-americana deu origem a inúmeros filmes, ainda ao tempo do cinema mudo, a começar pela **Cabana do Pai Tomás**, extraído do famoso romance de Beecher Stowe. E quantos filmes sobre a guerra de 1914/18 ? Todavia, o que mais me impressionou — embora bem mais recente, já de 1935 ou 36 — foi **A Carga da Brigada Ligeira**. Quem, tendo visto o filme, não se lembra dos belíssimos versos, apostos à tela na cena final, do poema famoso de Lord Tennyson, que deu título ao filme ? Este tema me faz até hoje pensar em algo contrastante: a Guerra da Criméia motivou a mais famosa e ousada “carga” de cavalaria de que se tem notícia, para tomar as colinas de Balaklava (que defendiam Sebastopol), e na qual se destacou de maneira incrivelmente heróica o 27º de Lanceiros da Índia (vingança contra o Surat Khan, mandante do horrível massacre de Chukote e que na Criméia se aliara aos russos ?), mas ao mesmo tempo foi dessa guerra que saiu Florence Nightingale (o “Anjo de Piedade”), com sua obra humanitária de enfermagem, que se acabou transformando na Cruz Vermelha Internacional...

Sempre houve guerras (infelizmente !) e sempre houve (felizmente !) quem sobre elas escrevesse. Eis por que a literatura militar

ocupa lugar de grande destaque e interesse no campo da historiografia. Costumo insistir, junto aos meus alunos, na importância das narrativas militares (como das religiosas) como uma das formas primitivas de apresentação da História. E muitas vezes tais textos constituem primícias para o conhecimento de povos e regiões. Quem ignora, a este respeito, a obra de Júlio César sobre a conquista da Gália, a de Tácito sobre os germanos, a **História da Guerra do Peloponeso**, de Tucídides (há pouco traduzida e publicada pela Universidade de Brasília), as narrativas de Xenofonte ou as biografias de Cornélio Nepos? Mais ainda: boa parte das crônicas medievais refere-se a guerras e bastaria lembrar o que significaram, por exemplo, as Cruzadas ou a Reconquista como fonte não apenas para a historiografia, mas para a própria literatura. Não pretendia a Cavalaria tanto a formação do cidadão como do guerreiro, ou seja do **cavaleiro** e do **cavaleiro**? Não estão, pois, os romances de cavalaria prechos de episódios guerreiros tanto quanto de ensinamentos do mais alto alcance moral?

Na vasta historiografia militar há a considerar trabalhos de três naturezas: 1. impressões e recordações, escritas por participantes das campanhas militares; 2. estudos críticos sobre as guerras, escritos muitas vezes até séculos mais tarde, necessariamente baseados em documentação sólida e adequada e implicando, não raro, verdadeiros processos de revisão dos eventos estudados; e 3. biografias de figuras militares ou mesmo civis, de participação decisiva nos acontecimentos bélicos. Qualquer leitor mais ou menos familiarizado com a bibliografia histórica poderá arrolar numerosos exemplos de cada uma das modalidades indicadas.

Quando comecei a lecionar História no curso secundário, ainda na vigência da Reforma Francisco Campos, lembro-me de que a quinta série era dedicada à História Contemporânea. Os manuais franceses, tipo Malet-Isaac, davam incrível ênfase às campanhas militares do século passado e, mais ainda, à Grande Guerra de 1914 a 1918. Com relação a esta, o velho Malet-Isaac estampava até os planos das grandes batalhas da região do Marne, como se os estudantes do primeiro ano (na época, a seriação do ginásio francês era invertida: os alunos entravam no sétimo ano e saíam no primeiro...) estivessem preparando-se, todos eles, para o ingresso em alguma Academia Militar. Um autor brasileiro, o saudoso Alfredo Ellis Júnior, que elaborou também uma série de manuais para o curso ginasial, fez até mais que os autores franceses: dois terços de seu volumoso livro para a quinta série encerravam um excelente estudo crítico da conflagração que enlutara o mundo de 1914 a 1918, com as referências bibliográficas mais expressivas, onde não entravam apenas os grandes clássicos tipo Clausewitz, mas até estudos especializadíssimos das campanhas em que aliados e alemães se engalfinharam. Não sei se em alguma escola militar se encontraria, na época, livro mais detalhado que o do autor paulista. Pouco depois, o grande humanista que foi Antônio Piccarolo, italiano, mas

vivendo em São Paulo havia mais de trinta anos, publicou em "O Estado de S. Paulo" enorme série de artigos, reunidos depois em livro, com o título **A Guerra e a Paz na História**. Livro que valeria a pena ser reeditado, ainda que talvez um tanto desatualizado, pois apresentava excelente panorama, de leitura agradável, daquilo que seu título implicava.

Possui o Brasil uma significativa literatura militar de alto interesse para a historiografia. Desde o período colonial, com as lutas contra os holandeses, até o século passado com a Campanha da Cisplatina e, sobretudo, a guerra contra o ditador do Paraguai. Imensa biblioteca poderia ser formada só com o que se escreveu sobre as campanhas militares em que o País se envolveu. Os clássicos mais valiosos dessa literatura estão ao nosso alcance, às vezes até em edições modernas: o **Valeroso Lucideno**, os **Desagravos do Brasil**, a **História da Guerra Brasílica**, o **Castrioto Lusitano**, este último mais difícil de ser encontrado. Os clássicos holandeses — Barleu, João de Laet, Nieuhoff, van der Dussen — encontram-se traduzidos e, com exceção de Laet, em edições modernas. Da mesma forma, a literatura dos mercenários alemães contratados para a Cisplatina e para a guerra contra Rosas: Seidler, Boesche, Schlichthorst, Seweloh, Sibers, Leenhof, Lammers-Damforth. O importante livro do Padre Gay sobre a invasão paraguaia mereceu recente reedição por uma editora gaúcha. As obras, também clássicas, de Bormann, Schneider e Titara mereceram igualmente edições recentes. A grande obra de Tasso Fragoso sobre a Guerra do Paraguai, embora não reeditada, é encontrável nas melhores bibliotecas. E no capítulo das reminiscências, aí estão os escritos do Conde d'Eu, de Taunay, Dionísio Cerqueira, Jorge Maia, Pinheiro Guimarães, entre outros. Inúmeros autores dedicaram-se à história militar (geral) do Brasil, desde o clássico Mirales, do século XVIII, mas só publicado neste século, a Genserico de Vasconcelos, Gustavo Barroso e Nelson Werneck Sodre, este último não com o caráter descritivo dos demais, mas de alto espírito crítico.

Mas, a guerra não interessa apenas à historiografia. É um "fenômeno biológico, social e jurídico" e, como tal, interessa ao direito, à sociologia, à política, à economia, à técnica, à psicologia social, à moral, à religião... De tudo isto, nos dá conta o Professor Almir de Oliveira, ilustre jurista e historiador de Juiz de Fora, membro da Academia Mineira de Letras, no belo estudo que, a seguir, se publica. Trata-se de conferência, que tive a honra e o prazer de ouvir, proferida no auditório da Academia de Comércio, da importante cidade mineira, em setembro de 1983. Ao ouvi-la, fiquei a pensar no quanto sua publicação seria de valia aos leitores desta revista. E seu autor, gentilmente, concedeu à NBH a honra de ser a primeira a divulgá-la.